

Projeto de cooperação internacional

A circulação transatlântica dos impressos – a globalização da cultura no século XIX.

Márcia Abreu e Jean-Yves Mollier (coordenadores)

Resumo

O projeto “A circulação transatlântica dos impressos – a globalização da cultura no século XIX” pretende conhecer melhor os impressos e as ideias em circulação entre Inglaterra, França, Portugal e Brasil, no “longo século XIX” (1789 – 1914). Seus principais objetivos são identificar e analisar as práticas culturais inerentes aos processos de circulação dos impressos e ideias em escala transnacional, analisando as apropriações dessas ideias nos quatro países, por meio da observação dos escritos e das ações dos letrados, bem como das atividades de censores, editores, impressores e livreiros.

1. Apresentação do problema

1. a. Produção e comercialização dos impressos

A globalização da cultura não é algo recente. Trata-se, ao contrário, de um processo que remonta ao início do século XVI, quando os europeus – e, em especial, as monarquias ibéricas – começaram a conectar as “quatro partes do mundo”¹. A partir deste momento, não apenas os navios, mas também os livros circulavam em todos os oceanos, criando uma especial forma de conexão entre as pessoas.²

¹ GRUZINSKY, Serge. *Les quatre parties du monde – histoire d'une mondialisation*. Paris: Éditions de La Martinière, 2004, p. 63.

² Ver, a respeito, o pioneiro livro de LEONARD, Irving. *Los Libros del Conquistador*. México: Fondo de Cultura Económica, 2006. Ver também GÓMEZ, Antonio Castilho. *Libro y Lectura em La Península Ibérica y América. Siglos XIII a XVIII*. Salamanca: Junta de Castilla y León, Consejería de Cultura Y Turismo, 2003. RAMÍREZ, Pedro J. Rueda. “Negócio e intercambio cultural: el comercio de libros con América en la Carrera de Indias (siglo XVII)”. Sevilla: Diputación de Sevilla / Universidade Sevilla / Consejo Superior de Investigaciones Científicas / Escuela de Estudios Hispano-Americanos, 2005.

A partir do final do século XVIII e ao longo do XIX, as relações entre as diferentes partes do globo se estreitaram, intensificando a conexão entre as pessoas por meio dos livros e dos escritos.³ O chamado “longo século XIX”⁴ conheceu uma notável ampliação no público leitor e uma extraordinária modificação tecnológica que alterou significativamente o modo de produção dos impressos e a relação com os livros.

Nesse período, o número de leitores conheceu uma ampliação significativa,⁵ especialmente na Inglaterra, França e Alemanha, devido ao crescimento demográfico,⁶ ao aumento das concentrações urbanas e à expansão do sistema educacional – que passou a incorporar grupos sociais até então excluídos da cultura escrita.⁷ Essa ampliação no número de leitores favoreceu o mercado editorial que se voltou, principalmente, para a produção de material didático de diversos níveis e para a edição de obras voltadas para os novos leitores,⁸ interessados, sobretudo por obras de devoção, livros práticos e de entretenimento.

³ COOPER-RICHET, Diana; MOLLIER, Jean-Yves & SILEM, Ahmed. *Passeurs culturels dans le monde des médias et de l'édition en Europe (XIX-XX^e siècles)*. Lyon: Presses de l'ENSIB, 2005, (coll. Références).

⁴ O “longo século XIX”, na expressão de Eric Hobsbawm, compreende o período entre a década de 1780, (marcada pela revolução industrial e pela revolução francesa) e 1914 (com o início da Primeira Guerra Mundial). Ver HOBBSAWM, Eric. *The age of Revolution, 1789-1848, The age of Capital, 1848-1875 e The age of Empire, 1875-1914*. Neste projeto, tomamos como marcos temporais os anos de 1789 e 1914. O período se justifica pelo fato de a Revolução Francesa, iniciada em 1789, ter alterado profundamente a legislação relativa ao comércio de livros na França e ter dado origem a uma multiplicidade de jornais e impressos efêmeros, que se espalharam rapidamente pelo interior da França e, posteriormente, pelo mundo. Por outro lado, em 1914, tem fim a longa “pax britannica” – período caracterizado por uma diminuição significativa dos conflitos entre as nações, com o final das guerras napoleônicas, o que favoreceu as trocas comerciais e os fluxos financeiros, situação brutalmente modificada com o advento da guerra.

⁵ Cf. CRUBELLIER, Maurice. “L'élargissement du public”. In: CHARTIER, Roger, MARTIN, Henri-Jean (dir.). *Histoire de l'édition française – Le temps des éditeurs – du Romantisme à la Belle Époque*. 2ed. Tome 3. Paris : Promodis, 1985, pág. 25-45.

⁶ “La démographie comparée des trois pays de référence [Angleterre, France, Allemagne] offre quelques enseignements. Tandis que l'Angleterre passe de 10,5 millions d'habitants en 1800 à 21 millions en 1851 et 37 millions en 1901, soit un taux de croissance de 350% sur la période, la France augmente de 33 % en se hissant d'environ 30 millions de nationaux à 40 millions au XIX^e siècle. L'Allemagne totalisait déjà 29 millions de sujets en 1838, 42 millions en 1875 et 65 millions en 1910, ce qui donne 120% d'accroissement pour les 80 années retenues et traduit le dynamisme de la poussée d'un peuple désormais sans complexes par rapport à ses voisins.”. MOLLIER, Jean-Yves. “La construction du système éditorial français et son expansion dans le monde du XVIII^e au XX^e siècle”. In: MICHON, Jacques & MOLLIER, Jean-Yves (org.). *Les mutations du livre et de l'édition dans le monde du XVIII^e siècle à l'an 2000*. Paris: l'Harmattan / Les Presses de L'Université de Laval, 2001, p. 56.

⁷ MICHON, Jacques. “Introduction”. *Les mutations du livre et de l'édition dans le monde du XVIII^e siècle à l'an 2000*. Sous la direction de Jacques Michon et Jean-Yves Mollier. Paris: l'Harmattan / Les Presses de L'Université de Laval, 2001.

⁸ HÉBRARD, Jean. “Les nouveaux lecteurs”. In: CHARTIER, Roger, MARTIN, Henri-Jean (dir.). *Histoire de l'édition française – Le temps des éditeurs – du Romantisme à la Belle Époque*. 2ed. Tome 3. Paris : Promodis, 1985, pág. 470-509. LYONS, Martyn. “Les nouveaux lecteurs au XIX^e siècle – femmes, enfants, ouvriers”. In: CHARTIER, Roger e CAVALLLO, Guglielmo. (org.). *Histoire de la lecture dans le monde occidental*. Paris: Seuil, 1997.

Modificações técnicas na produção dos livros também favoreceram sua difusão.⁹ Durante o século XIX, as limitações tecnológicas da imprensa manual foram superadas e a introdução da prensa a vapor, na segunda década do século, revolucionou as técnicas de produção dos impressos. Sua adoção generalizada possibilitou um aumento exponencial dos volumes de produção, para o que contribuiu, também, a mecanização da fabricação de papel, que se tornou mais acessível e mais barato.

Na Inglaterra, na primeira metade do século XIX, a animação do mercado livreiro, associada às novas tecnologias, operou uma importante modificação no modo de funcionamento das empresas ligadas à produção de impressos, que passaram a subcontratar empregados especializados (para a realização do *design*, por exemplo) e a terceirizar o serviço de tipografia, para atender à crescente demanda. Em 1850, publicavam-se dez vezes mais jornais do que em 1750 e três vezes mais do que em 1830.

10

Durante as últimas décadas do século XIX, outras inovações tecnológicas aceleraram o ritmo da produção de impressos: a impressão rotativa, a partir de 1870; a linotipia nos anos 1880; e a utilização da litografia e da fotografia no final do século. A introdução da eletricidade, nesta fase, propiciou um avanço ainda maior, permitindo um incremento notável na produção dos impressos. Tudo isso favoreceu, evidentemente, os vários ramos do sistema editorial, tornando necessários novos profissionais (como os agentes literários, por exemplo) e novas associações (como as dos representantes de editores e livreiros).¹¹

A melhoria nos sistemas de transporte também favoreceu a circulação dos impressos. Os editores e os livreiros aproveitaram-se não apenas da extensão da rede ferroviária europeia para ampliar a difusão de seus livros,¹² mas também tiraram

⁹ BARBIER, Frédéric. "L'industrialisation des techniques". In: CHARTIER, Roger, MARTIN, Henri-Jean (dir.). *Histoire de l'édition française – Le temps des éditeurs – du Romantisme à la Belle Époque*. 2ed. Tome 3. Paris: Promodis, 1985, pág. 57-67.

¹⁰ RAVEN, James. "British publishing and bookselling: constraints and developments". In: MICHON, Jacques & MOLLIER, Jean-Yves (org.). *Les mutations du livre et de l'édition dans le monde du XVIIIe siècle à l'an 2000*. Paris: l'Harmattan / Les Presses de L'Université de Laval, 2001, p. 29.

¹¹ RAVEN, James. "British publishing and bookselling: constraints and developments". In: MICHON, Jacques & MOLLIER, Jean-Yves (org.). *Les mutations du livre et de l'édition dans le monde du XVIIIe siècle à l'an 2000*. Paris: l'Harmattan / Les Presses de L'Université de Laval, 2001, p. 29.

¹² Segundo James Raven, "as the railway system developed, its direct progeny, the railway book edition, W.H.Smith, and the railway circulating libraries, effectively charted the extension of the tracks. Although we can speak of a national market for cheap print from an early date, with various means of transport employed, it is not until the railways that the British mass produced book, newspaper and print market

partido da crescente facilidade nos transportes marítimos, que passaram a fazer os trajetos entre Europa e os outros continentes em tempo cada vez menor.

A difusão de notícias e informações foi também potencializada pela telegrafia elétrica, iniciada na primeira metade do século XIX. Na década de 1850, as redes telegráficas inicialmente instaladas em escala nacional foram interligadas, dando origem a uma rede de comunicação que cobria praticamente toda a Europa. O passo seguinte foi conectar localidades separadas pelo mar, o que foi conseguido pela Grã-Bretanha, em 1851, com a instalação de um cabo submarino ligando-a à Europa Continental pelo Canal da Mancha.¹³

Embora o mundo estivesse conectado por livros, jornais, revistas e impressos de toda sorte, a presença da cultura letrada não estava igualmente distribuída, tendo em vista a proeminência da Inglaterra, Alemanha e França na produção e difusão de livros.

O comércio livreiro, na Inglaterra, era, segundo James Raven, um negócio que envolvia grandes contingentes de pessoas. Em 1841, cerca de 50.000 pessoas estavam empregadas em tipografias e na indústria de papel e de artigos de papelaria. Em 1871, esse número subiu para 125.000; em 1901, para cerca de 323.000 – caindo, entretanto, com a Primeira Guerra (em 1921, a indústria ligada ao papel e à tipografia empregava cerca de 314.000 pessoas).¹⁴

Já desde a década de 1740, a Grã-Bretanha se tornou um exportador de livros. Na segunda metade do século XVIII, quase todos os principais livreiros e editores estavam envolvidos no comércio com o exterior (nomeadamente com as colônias inglesas na América do Norte, o Caribe, e a Índia). O verdadeiro arranque, entretanto, ocorreu na

really advanced. Railway extension (after the inaugural lines of the early 1830s) was in fact slow before 1850, although great cities like Manchester were soon served. Thereafter, the railway age boosted all levels of distribution, developing for books and journals what amounted to a new stage of opportunity in book and print production, marketing, distribution and reception.” (RAVEN, James. “British publishing and bookselling: constraints and developments”. In: MICHON, Jacques & MOLLIER, Jean-Yves (org.). *Les mutations du livre et de l'édition dans le monde du XVIIIe siècle à l'an 2000*. Paris: l'Harmattan / Les Presses de L'Université de Laval, 2001, p. 28)

¹³ Em 1866, foi instalado o primeiro cabo atlântico entre Europa e Estados Unidos. A ligação entre o Brasil e a Europa, por meio de Portugal, foi realizada em 1875. SILVA, Mauro Costa da. & MOREIRA, Ildeu de Castro. “A introdução da telegrafia elétrica no Brasil (1852-1870)”. In: *Revista da Sociedade Brasileira de História da Ciência*. Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 47-62, jan / jul 2007, p. 48.

¹⁴ RAVEN, James. “British publishing and bookselling: constraints and developments”. In: MICHON, Jacques & MOLLIER, Jean-Yves (org.). *Les mutations du livre et de l'édition dans le monde du XVIIIe siècle à l'an 2000*. Paris: l'Harmattan / Les Presses de L'Université de Laval, 2001, p. 29.

década de 1820, quando as exportações de livros ingleses se espalharam pela Europa e pelo resto do mundo. No final do século, as exportações para as colônias britânicas representavam uma fonte de recursos crucial para as grandes editoras.¹⁵

De modo semelhante, a Alemanha conheceu um crescimento intenso a partir de meados do XIX – embora o caso alemão seja peculiar, tendo em vista o fato de a unificação nacional ter ocorrido apenas em 1870. Segundo Frédéric Barbier, no início do século XX, a Alemanha era responsável pelas mais altas cifras de publicação de livros, conforme as estatísticas oficiais: foram cerca de 9.000 títulos por ano até 1868, mais de 15.000 em 1882, 20.000 em 1890, quase 35.000 na véspera da Primeira Guerra Mundial.

Embora seja o lugar onde se observa a maior produção de livros no globo, a Alemanha custou a difundir seus livros em escala mundial, escoando sua produção sobretudo em direção à Europa eslava, à Romênia e à Escandinávia.¹⁶ Ainda segundo Barbier, fora da Europa, a rede de distribuição de livros alemães era altamente fragmentada, concentrando-se em países de imigração alemã, embora fossem feitos esforços para expandi-la em direção ao Império Otomano. Além dos negócios realizados com os Estados Unidos, havia apenas três cidades para as quais havia envio regular de livros no século XIX – Porto Alegre (Brasil), Valparaíso (Chile) e Adelaide (Austrália) –, estando a Ásia e a África totalmente ausentes da rede de distribuição de livros alemães.¹⁷ Entretanto, no final do século XIX, vários fatores favoreceram a expansão do mercado editorial alemão: o rápido aumento da emigração, a criação do império colonial e o aumento da importância da ciência produzida na Alemanha. Assim, às vésperas da primeira guerra, havia livrarias alemãs espalhadas por todos os países da Europa ocidental, mas também nos Estados Unidos e na América do Sul, assim como na Ásia, África e Oceania.¹⁸

O caso da França desperta ainda maior interesse, pois, embora seu movimento editorial tenha custado a alcançar os patamares de produção da edição inglesa e alemã,

¹⁵ RAVEN, James. "British publishing and bookselling: constraints and developments". In: MICHON, Jacques & MOLLIÉ, Jean-Yves (org.). *Les mutations du livre et de l'édition dans le monde du XVIIIe siècle à l'an 2000*. Paris: l'Harmattan / Les Presses de L'Université de Laval, 2001, p. 22.

¹⁶ BARBIER, Frédéric. "La librairie allemande comme modèle?". In: MICHON, Jacques & MOLLIÉ, Jean-Yves (op. cit.), p. 41.

¹⁷ BARBIER, Frédéric. "La librairie allemande comme modèle?". In: MICHON, Jacques & MOLLIÉ, Jean-Yves (op. cit.), p. 43.

¹⁸ BARBIER, Frédéric. "La librairie allemande comme modèle?". In: MICHON, Jacques & MOLLIÉ, Jean-Yves (op. cit.), p. 43.

¹⁹ a França teve uma centralidade cultural ímpar no período, expressa tanto pela francofonia,²⁰ da qual participavam as elites sócio-político-culturais, quanto pelo extraordinário prestígio da literatura francesa em escala mundial, que permaneceu incontestado até meados do século XX.²¹ O movimento editorial crescente se expressava claramente pelo número de títulos dados à luz ao longo do século XIX, que passou de pouco mais de 3 mil títulos em 1815 para 25 mil títulos às vésperas da Primeira Guerra Mundial.²²

O aumento no número de títulos foi acompanhado por um impressionante crescimento no número de exemplares (e por um também impressionante decréscimo dos preços do livro), sobretudo quando se consideram as edições destinadas aos públicos amplos, que se interessavam, principalmente, por obras de entretenimento.²³ Segundo Jean-Yves Mollier, no meado do século XIX, por exemplo, os “romans à quatre sous” alcançaram, pela primeira vez, tiragens de 10 a 12 mil exemplares, o que significava um aumento de 12 a 15 vezes em relação às tiragens dos volumes ditos de

¹⁹ O período que vai do meado do século XVIII ao começo do XX caracteriza o momento em que a edição francesa decola, espalhando-se pela Europa e pela América. Cf. MOLLIER, Jean-Yves. “La construction du système éditorial français et son expansion dans le monde du XVIII^e au XX^e siècle”. In: MICHON, Jacques & MOLLIER, Jean-Yves (org.). *Les mutations du livre et de l'édition dans le monde du XVIII^e siècle à l'an 2000*. Paris: l'Harmattan / Les Presses de L'Université de Laval, 2001, p. 47.

²⁰ A propósito da francofonia no século XVIII, ver FUMAROLI, Marc. *Quand l'Europe parlait français*. Paris: Éditions de Fallois, 2001.

²¹ Ver CASANOVA, Pascale. *A República mundial das Letras*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

²² Maurice Crubellier dá as seguintes cifras: 3.357 títulos, em 1815; 6.739, em 1830; 11.905, em 1860; 14.195, em 1875. (CRUBELLIÉ, Maurice. “L'élargissement du public”. In: CHARTIER, Roger, MARTIN, Henri-Jean (dir.). *Histoire de l'édition française – Le temps des éditeurs – du Romantisme à la Belle Époque*. 2ed. Tome 3. Paris : Promodis, 1985, pág. 39.) Frédéric Barbier acrescenta dados relativos aos primeiros anos do século XX, indicando uma produção de perto de 25.000 títulos às vésperas da Primeira Guerra Mundial. (BARBIER, Frédéric. “Une production multiple”. In: CHARTIER, Roger, MARTIN, Henri-Jean (dir.). *Histoire de l'édition française – Le temps des éditeurs – du Romantisme à la Belle Époque*. 2ed. Tome 3. Paris : Promodis, 1985, pág. 105.)

²³ Segundo Frédéric Barbier, “Jusque sous la monarchie de Juillet, les genres littéraires dominants sont le théâtre et la poésie, dans une moindre mesure le roman. (...) Au milieu du siècle, cependant, la grande époque de la poésie est terminée. (...) Mais le XIX^e siècle est avant tout le siècle du roman, qui connaît un développement constant dès la Restauration, et dont la progression s'accroît au cours du siècle: 300 titres nouveaux en 1877, 750 en 1890. (...) Deux périodes peuvent être distinguées dans cette trajectoire triomphante. D'abord, les chiffres faibles de tirage limitent nécessairement son audience. (...) Dans un second temps, et précisément autour des années 1840 et à la fin de la monarchie de Juillet, le roman devient la production dominante: son succès même fait de cette forme de lecture un véritable phénomène social.” (BARBIER, Frédéric. “Une production multiple”. In: CHARTIER, Roger, MARTIN, Henri-Jean (dir.). *Histoire de l'édition française – Le temps des éditeurs – du Romantisme à la Belle Époque*. 2ed. Tome 3. Paris : Promodis, 1985, pág. 110.) Segundo Martyn Lyons, “dans les premières décennies du XIX^e siècle les romans étaient rarement imprimés à plus de 1.000 – 1.5000 exemplaires. Pendant les années 1830, leur tirage moyen est monté à 1.500 – 2.000 exemplaires, pour atteindre 2.000 à 5.000 exemplaires après 1840.” É evidente, como destaca o autor, que os livros de sucesso tinham tiragens muito superiores. (LYONS, Martin. “Les best-sellers”. In: CHARTIER, Roger, MARTIN, Henri-Jean (dir.). *Histoire de l'édition française – Le temps des éditeurs – du Romantisme à la Belle Époque*. 2ed. Tome 3. Paris : Promodis, 1985, pág. 375).

“gabinete de leitura” (“cabinet de lecture”) produzidos antes de 1838.²⁴ No começo do século XX, a França entrou na “era dos cem mil”, produzindo, muito antes do que a Alemanha e a Inglaterra, livros verdadeiramente baratos em tiragens superiores aos 100 mil exemplares.²⁵ Parte dessas edições, seguramente, terá tido por destino a exportação para outros países, cujos leitores esperavam, ávidos, pelas publicações produzidas na França.²⁶

Conforme os dados apresentados por Frédéric Barbier, há uma verdadeira explosão do comércio exterior de impressos franceses, cujos valores são multiplicados por 9 em um século, passando de um nível anual de 500 a 600 toneladas de livros e revistas exportados sob a Restauração, para 1.000 toneladas em 1841, 2.000 toneladas em 1860 e 2.517 toneladas no final do Segundo Império. Em 1880, superam-se as 3.500 toneladas, atingindo-se o valor mais elevado em 1890, com mais de 4.7 mil toneladas exportadas, nível que não será ultrapassado antes da Primeira Guerra Mundial.²⁷

Essas toneladas de livros não continham somente obras escritas por autores franceses, mas também traduções para o francês de textos produzidos em diversas línguas – sobretudo inglês e alemão ²⁸ –, destinados tanto às elites quanto ao leitorado amplo, interessado, sobretudo, por obras ficcionais, lidas tanto na forma de livros, quanto nos tão apreciados folhetins publicados nos rodapés dos jornais.²⁹

²⁴ MOLLIER, Jean-Yves. *Louis Hachette (1800 – 1864). Le fondateur d'un empire*. Paris: Fayard, 1999, capítulo XI.

²⁵ MOLLIER, Jean-Yves. *L'argent et les lettres. Histoire du capitalisme d'édition, 1880-1920*. Paris: Fayard, 1988, capítulo XIV.

²⁶ Segundo estudo de Olivier Godechot e Jacques Marseille, a exportação de livros produzidos na França foi significativa entre 1827 e 1914. Nesse período a Bélgica, a Inglaterra, a Suíça francesa e a Alemanha eram os principais destinos dos livros exportados. A Bélgica foi responsável por 18 a 21 % do volume de vendas; a Inglaterra, de 9 a 10%, a Suíça francesa e a Alemanha 9% cada. No começo do século XX, o Québec passou a receber 7% dos livros enviados ao estrangeiro e os Estados Unidos, 6%. No período considerado pelos autores as exportações em direção à Península Ibérica sofreram uma queda de 5% para 3%. A América Latina, ao contrário, percebeu um aumento de 8% para 13 % no volume das exportações. GODECHOT, Olivier e MARSEILLE, Jacques. “Les exportations de livres français au XIXe siècle”. In: MOLLIER, Jean-Yves. *Le Commerce de la librairie en France au XIXe siècle*. Paris : IMEC ; Éd. de la MSH, 1997, pp. 373-381.

²⁷ BARBIER, Frédéric. “Les marchés étrangers de la librairie française”. In: CHARTIER, Roger, MARTIN, Henri-Jean (dir.). *Histoire de l'édition française – Le temps des éditeurs – du Romantisme à la Belle Époque*. 2ed. Tome 3. Paris : Promodis, 1985, pág. 279.

²⁸ Sobre a circulação cultural entre Inglaterra e França, ver: COOPER-RICHET, Diana & RAPOPORT, Michel (org.) *L'Entente cordiale. Cent ans de relations culturelles franco-britanniques (1904-2004)*. Paris : Créaphis, 2006. Sobre a circulação cultural entre a França e o mundo luso-brasileiro ver NEIVA, Saulo (org.). *La France et le monde luso-brésilien: échanges et représentations (XVIe – XVIIIe siècles)*. Clermont-Ferrand: Presses Universitaires Blaise Pascal, 2005.

²⁹ Sobre as obras ficcionais mais lidas na primeira metade do século XIX, ver: LYONS, Martin. “Les best-sellers”. In: CHARTIER, Roger, MARTIN, Henri-Jean (dir.). *Histoire de l'édition française – Le temps des*

A França não se contentava apenas em vender fora do país os livros que produzia; ela exportava, também, seus livreiros e editores. Isso é evidente quando se observa a situação de Portugal, onde alguns dos maiores profissionais do livro, nos séculos XVIII e XIX, eram de origem francesa. Na segunda metade do século XVIII, ao menos 14 dos 17 livreiros de Lisboa são franceses – e, mais especificamente, de Briançon. No Porto, eles são seis e, em Coimbra, cinco.³⁰

Portugal também conheceu um importante desenvolvimento da produção de livros, difundidos em escala mundial, nos séculos XVIII e XIX.³¹ Tendo em vista sua condição de metrópole colonial, Portugal espalhava livros por suas possessões na América, África e Ásia.³²

Os leitores brasileiros estiveram na mira dos livreiros e editores portugueses desde o século XVIII, tendo em vista sua expressividade numérica comparativamente ao leitorado lusitano. Basta ver, por exemplo, os esforços empreendidos pelos livreiros portugueses para impedir que livreiros franceses instalados em Lisboa enviassem seus filhos para o Rio de Janeiro. Em 1799, livreiros lisboetas solicitaram à Real Junta do

éditeurs – du Romantisme à la Belle Époque. 2ed. Tome 3. Paris : Promodis, 1985, pág. 369-401. Sobre os folhetins, ver: CACHIN, Marie-Françoise; COOPER-RICHET, Diana; MOLLIER, Jean-Yves; PARFAIT, Claire (org.) *Au bonheur du feuilleton. Naissance et mutations d'un genre (France, Etats-Unis, Royaume-Uni, XVIII^e-XX^e siècles)*. Paris: Créaphis, 2007. MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo, Companhia das Letras, 1996. HEINEBERG, Ilana. *La Suite au Prochain Numéro: Formation du roman-feuilleton brésilien à partir des quotidiens Jornal do Commercio, Diário do Rio de Janeiro et Correio mercantil (1839-1870)*. Orientadora: Mme Jacqueline Penjon - UNIVERSITE DE LA SORBONNE NOUVELLE - PARIS III, 2004. Disponível em <http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/teses/abstracts/ilana.htm>. Consulta em 20 de janeiro de 2011.

³⁰ Dentre os livreiros de origem francesa destacam-se Martin, Borel, Bertrand, Aillaud, Rey, Orcel, Reyceud, Dubeux, Orcel. Ver, a respeito, FONTAINE, Laurence. *Histoire du colportage en Europe. XV^e - XIX^e siècle*, Paris, 1993. Ver, especialmente, o capítulo sobre os livreiros de Briançon: “Réseaux de libraires et colporteurs de livres en Europe du Sud (XVIII^e siècle)”, pp. 69-94. BONNANT, Georges. “Les libraires du Portugal ao XVIII^e siècle vus à travers de leurs relations d'affaires avec leurs fournisseurs de Genève, Lausanne et Neuchâtel”. Arquivo de Bibliografia Portuguesa. Lisboa, n.º 23-24, 1960; CAEIRO, F. Gama. *Livros e livreiros franceses em Lisboa nos fins de setecentos e no primeiro quartel do século XIX*. Coimbra: Boletim Bibliográfico de Coimbra, 1980. DOMINGOS, Manuela. “Os catálogos de livreiros como fontes de História do Livro: o caso dos Reyceud”. In: *Revista da Biblioteca Nacional*. Lisboa: B.N., S. 2, vol. 4, n. 1, 1989. DOMINGOS, Manuela. Colporteurs ou livreiros? Acerca do comércio livreiro em Lisboa 1727-1754”. In: *Revista da Biblioteca Nacional*. Lisboa: B.N., S. 2, vol. 6, n.º 1, 1991. GUEDES, Fernando. *Os livreiros franceses em Portugal no século XVIII: tentativa de compreensão de um fenómeno migratório e mais alguma história*. Lisboa: Academia Portuguesa de História, 1998. GUEDES, Fernando. *O Livro e a leitura em Portugal. Subsídios para sua história (século XVIII - XIX)*. Lisboa: Verbo, 1987. PIWNIK. “Libraires français et espagnols à Lisbonne au XVIII^e siècle”. In: *Livres et Libraires en Espagne et au Portugal (XVI^e. -XX^e siècles)*. Paris: Ed. C.N.R.S., 1989. LISBOA, João Luis. “A leitura em Portugal: os finais do ‘Antigo Regime’”. In: F. M. Costa, F. C. Domingues, N. G. Monteiro (org.). *Do Antigo Regime ao Liberalismo (1750-1850)*. Lisboa: Vega Editora, 1989.

³¹ Além de Inglaterra, Alemanha, França e Portugal, deve-se considerar a Espanha e a Itália como importantes produtores de livros difundidos em escala mundial.

³² ABREU, Márcia. “A censura e o comércio de livros”. *Os caminhos dos livros*. Campinas: ALB / Mercado de Letras, 2003.

Comércio que não concedesse passaportes aos filhos de Paul Martin e de Francisco Rolland, alegando que os dois “Franceses de Nação, e Mercadores de Livros” já causavam “prejuízo” aos livreiros locais pela “abusiva introdução de Livros, encadernados fora do Reino” e queriam “aumentá-los tentando estabelecer duas Casas de Comercio de Livros na Cidade do Rio de Janeiro, protestadas pelos nomes de Seus Filhos”.³³ Todo seu esforço foi inútil, pois Martin enviou seu filho ao Rio de Janeiro e tornou-se o mais expressivo livreiro do começo do século XIX – e o primeiro editor local, assim que as condições assim o permitiram.³⁴

A presença de livreiros-editores estrangeiros não parou aí nem perdeu sua importância ao longo do XIX – pelo contrário, sua quantidade e relevância só fez crescer. Livreiros alemães (como os irmãos Laemmert), suíços (como Leuzinger) e, principalmente, franceses (como Bossange, Plancher, Villeneuve, Aillaud e Garnier) marcaram a história editorial brasileira tanto pelas inovações técnicas que trouxeram (nos ramos da tipografia, da edição, da distribuição e comércio de livros) quanto pela expressividade da produção e venda de títulos em suas casas.³⁵

Ao seu lado, atuaram livreiros-editores de origem portuguesa como Francisco Alves; Antonio Maria e José Joaquim Teixeira; e Jacinto Ribeiro dos Santos, que também se interessaram pelo mercado brasileiro, bastante atraente se comparado ao leitorado

³³ ABREU, Márcia. *Os caminhos dos livros*. Campinas: ALB / Mercado de Letras, 2003; NEVES, Lúcia Maria Bastos P. “Comércio de livros e censura de ideias: a actividade dos livreiros franceses no Brasil e a vigilância da Mesa do Desembargo do Paço (1795-1822)”, *Ler História*, n.23. Lisboa: 1992; GUEDES, Fernando. *O Livro e a Leitura em Portugal. Subsídios para sua história (século XVIII - XIX)*. Lisboa: Verbo, 1987.

³⁴ A família de livreiros Martin atuava na França já no século XVI, tendo se instalado em Portugal provavelmente no início do século XVIII, já que Paulo Martin aparece em documentos portugueses como “mercador de livros”, desde 1719. PERROT, Jean-Claude. “Nouveautés : l'économie politique et ses livres”. MARTIN, & CHARTIER, Roger (org), *Histoire de l'édition française. Le livre triomphants 1660-1830*. Tome II. Paris: Fayard / Cercle de la Librairie. 1990. CURTO, Diogo Ramada; DOMINGOS, Manuela D.; FIGUEIREDO, Dulce & GONÇALVES Paula. *As gentes do livro - Lisboa, século XVIII*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2007.

³⁵ Basta ver que os principais livreiros-editores do século XIX no Brasil são o francês Baptiste Louis Garnier e os alemães Edward e Heinrich Laemmert. Sobre as atividades da família de livreiros Garnier, na França, ver: MOLLIER, Jean-Yves. *L'argent et les lettres. Histoire du capitalisme d'édition, 1880-1920*. Paris: Fayard, 1988. Sobre a livraria Garnier no Rio de Janeiro ver: DUTRA, Eliana de Freitas. *Rebeldes literários da República: história e identidade nacional no Almanaque Brasileiro Garnier (1903-1914)*. Belo Horizonte: UFMG, 2005; DUTRA, Eliana de Freitas. “Almanaque Garnier: ensinando o Brasil a ler; ensinando a ler o Brasil”. In: ABREU, Márcia (org.) *Leitura, História e História da Leitura*. Campinas: Mercado de Letras, 2000, pp. 257-271 e DUTRA, Eliana de Freitas. “Leitores de além-mar. A editora Garnier e sua aventura editorial no Brasil”. In: ABREU, Márcia & BRAGANÇA, Aníbal (org.) *Impresso no Brasil – dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Unesp, 2010, pp. 67-87. LEÃO, Andréa Borges. “Pistas dos irmãos Garnier – notas sobre a contribuição dos livreiros franceses na formação da literatura infantil e juvenil brasileira”. In: *XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2005. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R0514-1.pdf> . Consultado em 15 de fevereiro de 2011.

português.³⁶ Em 1900, a população brasileira era estimada em 18 milhões de habitantes, dos quais 25% eram alfabetizados, o que contrastava fortemente com a situação de Portugal onde havia apenas 5.5 milhões de pessoas e a mesma taxa de alfabetização.³⁷

Os livreiros editores instalados no Brasil não apenas importavam e vendiam livros produzidos no Velho Continente, mas também promoviam a publicação de livros e revistas brasileiros, dados à luz tanto no Brasil quanto em tipografias e gráficas instaladas na França e em Portugal.³⁸ Além disso, visaram, desde o início do século XIX, o público leitor português, invertendo a direção do fluxo secular dos livros,³⁹ a ponto de a concorrência feita pelas obras lusas impressas no Brasil – muitas vezes em contrafação – tornar-se motivo de inquietação em Portugal.⁴⁰

Assim, fica claro que o século XIX foi um período de ampliação sem precedentes na produção de livros e revistas e de intensa circulação de impressos entre a Europa e o Brasil.

1. b. *A circulação mundial dos impressos*

³⁶ HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil – sua história*. 2ª edição revista e ampliada. São Paulo: Edusp, 2005. Ver também BRAGANÇA, Aníbal. “Francisco Alves, uma editora sesquicentenária (1854-2004)”. In: NP 04 – Produção Editorial, no IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, no XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado na PUCRS, em Porto Alegre. Disponível em www.portcom.intercom.org.br. Consultado em 31 de janeiro de 2011.

³⁷ LOPES, Cláudia Neves. “Édition et colonisation: le marché éditorial entre le Brésil et le Portugal”. In: MICHON, Jacques & MOLLIÉ, Jean-Yves (org.). *Les mutations du livre et de l'édition dans le monde du XVIIIe siècle à l'an 2000*. Paris: l'Harmattan / Les Presses de L'Université de Laval, 2001, p. 363.

³⁸ Segundo Laurence Hallewell, a partir de meados do século XIX, B. L. Garnier mandava imprimir parte das publicações que editava, em Paris, inclusive o periódico quinzenal *Jornal das Famílias*. “Ele manteve permanentemente empregado em Paris um leitor de provas em português. Durante algum tempo essa função foi exercida por José Lopes da Silva, que havia ido para Paris como correspondente estrangeiro de *O Globo* e se virou, de repente, em dificuldades quando seu jornal deixou de ser publicado.” (HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil – sua história*. 2ª edição revista e ampliada. São Paulo: Edusp, 2005, p. 200.) Segundo Cláudia Neves Lopes diversas obras de autores brasileiros foram publicadas em Portugal, no início do século XX, por editores como Livraria Chardron, Livraria Clássica, Parceria Antonio Maria Pereira e Bertrand. (LOPES, Cláudia Neves. “Édition et colonisation: le marché éditorial entre le Brésil et le Portugal”. In: MICHON, Jacques & MOLLIÉ, Jean-Yves (org.). *Les mutations du livre et de l'édition dans le monde du XVIIIe siècle à l'an 2000*. Paris: l'Harmattan / Les Presses de L'Université de Laval, 2001, p. 365.)

³⁹ ABREU, Márcia. “Impressão Régia do Rio de Janeiro: novas perspectivas”. In: *Convergência Lusítada*, nº. 21. Real Gabinete Português de Leitura. Centro de Estudos Pólo de Pesquisa sobre Relações Luso-brasileiras, 2005, pp. 199-222.

⁴⁰ O florescimento de editoras nacionais no Brasil ocorreu no início do XX, quando a eclosão da Primeira Guerra Mundial tornou necessário substituir as importações por produções locais. Entre 1920 e 1936 foram criadas 136 editoras no Brasil, número que cresceu para 280 no final dos anos de 1940. Apesar desses números expressivos, 59% da produção de livros estava nas mãos de 10% das empresas. Segundo Sérgio Micelli, 17% da produção total era consagrada aos romances e 14% aos livros escolares. MICELLI, Sérgio. *Les intellectuels et le pouvoir au Brésil*. Grenoble: Presses Universitaires de Grenoble, 1981, p. 73. Apud LOPES, Cláudia Neves. Op. cit. pág. 366

Não se deve pensar que o trânsito da produção editorial inglesa, francesa, portuguesa e brasileira oitocentista seguia um fluxo unidirecional, da Inglaterra e França para Portugal e, de lá, para o Brasil.⁴¹ Pelo contrário, os impressos, as pessoas e as ideias circulavam entre estes diferentes lugares. Uns poucos exemplos relativos ao início do século XIX deixarão essa situação evidente.

Quando as guerras napoleônicas levaram o príncipe regente D. João a transferir a sede do reino de Lisboa para o Rio de Janeiro, Inglaterra, França, Portugal e Brasil conectaram-se de maneira mais intensa e especial – inclusive no que diz respeito à circulação dos impressos.⁴²

A transferência da Família Real para o Rio de Janeiro manteve intacto o sistema de censura instalado em Portugal, que obrigava a obter autorização para transportar qualquer tipo de impresso, assim como deu origem a um novo organismo de controle, instalado no Rio de Janeiro, para supervisionar a entrada de livros vindos de outras partes do globo. Os registros produzidos por essas instituições permitem conhecer os livros que tramitaram, por vias legais, entre o Brasil e o mundo no começo do século XIX.⁴³

Observando os títulos recebidos no Rio de Janeiro, chama a atenção o fato de que os desentendimentos políticos entre França e Portugal e sua aliança com a Inglaterra não se expressem no gosto dos leitores, que manifestavam um evidente interesse pela produção cultural francesa.⁴⁴ Entre 1808 e 1821, tomando-se apenas em consideração as obras de Belas Letras⁴⁵, percebe-se que, entre os títulos enviados com mais

⁴¹ Embora a Alemanha fosse um dos mais importantes produtores de livros no século XIX, a relevância dos livreiros-editores e das obras alemãs é restrita na circulação transatlântica dos impressos, razão pela qual eles serão considerados apenas marginalmente neste projeto.

⁴² A circulação dos livros na América Hispânica é tratada por Jean-François Botrel em “L’exportation des livres et modèles éditoriaux français en Espagne et en Amérique latine (1814 – 1914)”. In: MICHON, Jacques & MOLLIER, Jean-Yves (org.). *Les mutations du livre et de l’édition dans le monde du XVIIIe siècle à l’an 2000*. Paris: l’Harmattan / Les Presses de L’Université de Laval, 2001, p.219 – 240.

⁴³ ABREU, Márcia. *Os Caminhos dos livros*. Campinas: Mercado de Letras / ALB / Fapesp, 2003; ALGRANTI, Leila Mezan. *Livros de Devoção, atos de censura: ensaios de História do Livro e da leitura na América Portuguesa (1750-1821)*. São Paulo: HUCITEC / FAPESP, 2004; NEVES, Lúcia M.B.P. “Antídoto contra obras “ímpias e sediciosas”: censura e repressão no Brasil de 1808 a 1824”. In: ABREU, Márcia. *Leitura, história e história da leitura*. Campinas: Mercado de Letras / ALB / Fapesp, 1999, pp. 377-394; VILLALTA, Luiz Carlos. “Censura literária”, In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci (org.). *Minorias silenciadas: história da censura no Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo / Imprensa Oficial do Estado / FAPESP, 2002.

⁴⁴ CARRELI, Mário, *Cultures croisées. Histoire des échanges culturels entre la France et le Brésil de la découverte aux temps modernes*, Préface de Gilbert Durand, Paris: Nathan, 1993.

⁴⁵ No início do século XIX utilizava-se, em geral, a seguinte classificação para ordenação de bibliotecas: Belas Letras, Teologia, Ciências e Artes, História e Jurisprudência (com, subdivisões internas). As Belas

frequência de Lisboa para o Rio de Janeiro, há 46% de obras compostas originalmente em francês, enquanto 30% são de origem portuguesa.⁴⁶ Quando se consideram os registros realizados pelo organismo de censura instalado no Rio de Janeiro, a presença francesa sobe para 75% das obras – enquanto 10% delas têm origem inglesa, 5% italiana, 5% espanhola e 5% latina.⁴⁷

Embora a supremacia francesa seja evidente, a questão da origem dos livros lidos no Rio de Janeiro não é de fácil solução, como se vê, por exemplo, no caso da obra de Belas Letras preferida pelos leitores desde meados do século XVIII: *Les Aventures de Télémaque*, de François de Salignac de la Mothe-Fénelon. As centenas de pedidos de licença para importação deste livro referem-se não apenas a edições francesas, mas também a publicações referidas como “Adventures of Telemac”, “Telemaco em portuguez”, “Aventures de Télémaque en Espagnol”, “Aventuras de Telemaco em francez e Hespanhol”, “Aventuras de Telemaco em inglez e Hespanhol”, “Aventures de Télémaque en Anglais et Français”, “Aventures de Télémaque en Italien et français”,

Letras compreendiam poesias, romances, peças teatrais, obras de eloquência, tratados de retórica e poética, estudos gramaticais etc. Cf. SILVA, Maria Beatriz Nizza da. “Livro e Sociedade no Rio de Janeiro (1808-1821)”. In: *Revista de História*, n. 94, 1973.

As pesquisas de Luiz Carlos Villalta e de Márcia Abreu mostram que o maior número de pedidos de licença apresentados em Portugal para envio de obras para o Rio de Janeiro destina-se à remessa de livros de Teologia. Em segundo lugar vêm os livros profissionais e, em terceiro, as obras de Belas Letras. ABREU, Márcia. *Os Caminhos dos livros*. Campinas: Mercado de Letras/ALB/FAPESP, 2003. VILLALTA, Luiz Carlos. *Reformismo Ilustrado, Censura e Práticas de Leitura; usos do livro na América Portuguesa*. São Paulo: FFLCH-USP, 1999. Tese de Doutorado. Disponível em: www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos.

⁴⁶ A lista dos 10 títulos mais solicitados à censura portuguesa em Lisboa, entre 1808 e 1821, com destino ao Rio de Janeiro é composta pelas seguintes obras: 1º. *Les Aventures de Télémaque*, François de Salignac de la Mothe-Fénelon; 2º. *Les Mille et Une Nuits*, por Antoine Galland; *Selecta Latini Sermonis exemplaria e scriptoribus probatissimis*, Pierre Chompré; 3º. *Histoire de Gil Blas de Santillane*, Alain René Lesage; 4º. *Magazin d'enfants*, Pauline de Montmorin, Mme Leprince de Beaumont; 5º. *História do Imperador Carlos Magno e dos doze pares de França*, anônimo; 6º. *Obras*, Manuel Maria Barbosa du Bocage; 7º. *O Feliz independente do mundo e da fortuna, ou arte de viver contente em quaisquer trabalhos da vida*, Pe. Theodoro de Almeida; *Lances da Ventura, acasos da desgraça e heroísmos da virtude*, D. Felix Moreno de Monroy y Ros; 8º. *Thesouro de meninos*, P. Blanchard / Matheus José da Costa; 9º. Horacio ad usum; 10º. *Marília de Dirceu*, Thomas Antonio Gonzaga; *O Piolho Viajante*, António Manuel Policarpo da Silva. (ABREU, Márcia. *Os Caminhos dos livros*. Campinas: Mercado de Letras/ALB/FAPESP, 2003)

⁴⁷ A lista dos 10 títulos mais solicitados à Mesa do Desembargo do Paço do Rio de Janeiro, entre 1808 e 1821, é composta pelas seguintes obras: 1. *Les Aventures de Télémaque*, François de Salignac de la Mothe-Fénelon; 2. *Fables de La Fontaine*, Jean de La Fontaine; *Voyage de La Pérouse au tour du Monde*, L.A.Milet Mureau; 3. *Histoire de Gil Blas de Santillane*, Alain René Lesage; *Jerusalem liberata*, Torquato Tasso; 4. *Oeuvres*, Racine; 5. *Oeuvres*, Molière; *Voyage de Jeune Anacharsis en Grèce*, Jean-Jacques Barthélemy; 6. *Oeuvres*, Corneille; 7. *El Ingenioso Hidalgo Don Quijote de la Mancha*, Miguel de Cervantes; *The Life and Strange Surprizing Adventures of Robinson Crusoe*, Daniel Defoe; *Oeuvres*, Boileau; *Oeuvres*, Alain René Lesage; *Paul et Virginie*, Jacques-Henri Bernardin de Saint-Pierre; 8. *Oeuvres*, Prevost; 9. *Le poeme sur la Religion*, Racine; *Obras*, Virgílio; 10. *Oeuvres*, Gresset; *La Henriade*, Voltaire; *Scènes de la vie du grand monde*, Maria Edgeworth. (ABREU, Márcia. *Os Caminhos dos livros*. Campinas: Mercado de Letras/ALB/FAPESP, 2003)

“Télémaque en Espagnol et français” – fazendo referência não apenas a traduções da obra para outros idiomas, mas também a edições políglotas do texto.⁴⁸

Outros livros muito procurados sequer chegavam a ser solicitados em edições na língua original, como ocorreu com *El Ingenioso Hidalgo Don Quijote de la Mancha*, de Miguel de Cervantes, jamais requerido em espanhol, mas sim em português ou em francês. Igualmente, a ninguém ocorreu a idéia de referir a obra de Torquato Tasso, *Jerusalem liberata*, em italiano, mas sempre como *Jerusalem délivrée*. Da mesma forma, o livro *Tales of Fashionable Life*, escrito em inglês por Maria Edgeworth, jamais foi solicitado em inglês e sim na tradução francesa intitulada *Scenes de la vie du grand monde*. A dança das traduções – e a importância da referência francesa – fica clara, também, na opção feita pelo tradutor para o português do livro *The Life and Strange Surprising Adventures of Robinson Crusoe of York, Mariner*, de Daniel Defoe, que achou por bem deixar claro que as aventuras haviam sido “traduzidas da língua francesa por Henrique Leitão de Sousa Mascarenhas”.⁴⁹

Um vínculo mais forte do que a simples origem geográfica dos livros unia brasileiros e franceses: seu gosto literário. Observa-se uma impressionante semelhança entre as obras mais vendidas, na França, entre 1811 e 1850, e os livros mais frequentemente aportados no Rio de Janeiro, entre 1808 e 1821. Segundo Martin Lyons, livros como *Fables*, de La Fontaine; *Télémaque*, de Fénelon; *Paul et Virginie*, de Saint-Pierre; *Robinson Crusoe*, de Defoe, assim como as obras de Molière faziam parte dos “best-sellers” da longa duração, estando presentes nas listas dos mais vendidos na França ao longo de todo o período.⁵⁰ Do outro lado do Atlântico, os mesmos títulos

⁴⁸ No século XIX publicavam-se edições contendo o texto de Fénelon em várias línguas. É o caso, por exemplo, do *Essai d'un Télémaque polyglotte, ou les Aventures du Fils d'Ulysse en langue française, grecque moderne, arménienne, italienne, espagnole, portugaise, anglaise, allemande, hollandaise, russe, polonaise, illyrienne, avec une traduction en vers grecs et latins*, de Fleury-Lécluse, Paris, 1812. Essas publicações são comentadas por Diana Cooper-Richet em “Les imprimés en langue anglaise en France au XIX^e siècle”. In: MICHON, Jacques & MOLLIER, Jean-Yves (org.). *Les mutations du livre et de l'édition dans le monde du XVIII^e siècle à l'an 2000*. Paris: l'Harmattan / Les Presses de L'Université de Laval, 2001, p. 135.

⁴⁹ O livro *Vida e aventuras admiráveis de Robinson Crusoe, que contém a sua tornada à sua ilha, as suas novas viagens e as suas reflexões* foi publicado “na Impressão de Alcobia” em 1785. Uma versão fac-similar dessa tradução está disponível no site www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br. Consultado em 20 de janeiro de 2011. A intermediação francesa no processo de tradução de obras escritas em inglês foi analisada por VASCONCELOS, Sandra Guardini T. *A Formação do Romance Inglês: ensaios teóricos*. São Paulo: Hucitec/Fapesp, 2007.

⁵⁰ LYONS, Martin. “Les best-sellers”. In: CHARTIER, Roger, MARTIN, Henri-Jean (dir.). *Histoire de l'édition française – Le temps des éditeurs – du Romantisme à la Belle Époque*. 2ed. Tome 3. Paris: Promodis, 1985.

faziam as delícias dos leitores, destacando-se no rol das obras de Belas Letras mais procuradas no Rio de Janeiro.⁵¹

Não obstante a importante presença de livros estrangeiros entre os mais remetidos para o Rio de Janeiro, não se deve imaginar que os leitores brasileiros fossem políglotas, pois havia traduções para o português da maioria das obras, traduções pelas quais os pedidos de importação revelam grande procura desde o final do século XVIII,⁵² o que demonstra a pujança do mundo editorial lusitano e sua percepção daquilo que agradava aos leitores de todos os lados do Atlântico.

Entretanto, desde que se tornou possível imprimir no Brasil, os editores portugueses sentiram a concorrência dos livros produzidos pela Imprensa Régia do Rio de Janeiro. Em 1810, apenas dois anos após o início do funcionamento da tipografia, o livreiro Paulo Martin⁵³ divulgou um “Catálogo dos folhetos impressos à custa de Paulo Martin Filho, que se acham na sua loja na rua da Quitanda nº 34”, contendo 24 títulos dados à luz por sua iniciativa ⁵⁴ – o que faz deste português, filho de franceses, o primeiro editor instalado no Brasil.⁵⁵

⁵¹ Ver as listas dos livros de Belas Letras mais frequentes no Rio de Janeiro nas notas 44 e 45.

⁵² Considerando os pedidos apresentados em Lisboa, havia traduções disponíveis para 100% das obras. Considerando os registros feitos no Rio de Janeiro, os números caem para 40%. Cf. RODRIGUES, A Gonçalves. *A Novelística Estrangeira em Versão Portuguesa no Período Pré-Romântico*. Coimbra: s/ed, 1951 e RODRIGUES, A. Gonçalves. *A Tradução em Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1992, 1º vol.: 1495 – 1834.

⁵³ Sobre Paulo Martin ver NEVES, Lúcia Maria Bastos P. Trajetórias de Livreiros no Rio de Janeiro: uma revisão historiográfica: João Roberto Bourgeois e Paulo Martin: livreiros franceses no Rio de Janeiro, no início do oitocentos. X Encontro Regional da ANPUH, 2002 (disponível em http://209.85.229.132/search?q=cache:A_vsKY5jF9AJ:www.rj.anpuh.org/Anais/2002/Mesas/Neves%2520Lucia%2520M%2520B%2520P.doc). Consultado em 06 de janeiro de 2009. Ver também NEVES, Lúcia Maria Bastos P.; FERREIRA, Tânia Maria Bessone da Cruz. Livreiros no Rio de Janeiro: intermediários culturais entre Brasil e Portugal. In: *3º Colóquio do Pólo de Pesquisas de Relações Luso-Brasileiras - Entre Iluminados e Românticos*, 2006, Rio de Janeiro. Atas do 3º Colóquio do PRLBP, 2006 – disponível em: http://www.realgabinete.com.br/coloquio/3_coloquio_outubro/paginas/16.htm. Consultado em 05 de janeiro de 2009.

⁵⁴ *Catálogo dos folhetos impressos á custa de Paulo Martin filho, que se achão na sua Loja na Rua da Quitanda N.º 34*. Impresso no final de *O Plutarco Revolucionario, na parte que contem as Vidas de Madama Buonaparte e outros desta familia*. Traduzido do inglês. Reimpresso no Rio de Janeiro na Imprensa Régia, 1810. Com licença de S.A.R. O Catálogo está transcrito em SILVA, Maria Beatriz Nizza da. *Cultura no Brasil colônia*. Petrópolis: Vozes, 1981, p. 147-148.

⁵⁵ Em *O bibliófilo aprendiz*, de 1975, Rubens Borba de Moraes afirmava “muito romance impresso na Imprensa Régia era editado por Paul Martin. Esse Paul Martin, filho, era francês e foi, se não me engano, o primeiro editor que houve no Brasil. Mandava imprimir romances, novelas, folhetos políticos, poemas, orações fúnebres, que vendia na sua livraria da Rua da Quitanda nº 34.” (MORAES, Rubens Borba de. *O bibliófilo aprendiz*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1975, 2ª edição, p.173). Em 1993, Rubens Borba de Moraes reafirma, em tom menos dubitativo: “a publicação de romances [na Imprensa Régia] deve-se à iniciativa de Paulo Martin filho, nosso primeiro editor.” [MORAES, Rubens Borba de. “A Imprensa Régia do Rio de Janeiro: origens e produção”. In: CAMARGO, Ana Maria de Almeida e MORAES,

A possibilidade de editar no Brasil favoreceu também as atividades comerciais da família de livreiros em Lisboa, onde Paulo Martin, o pai, também atuava como livreiro-editor, comercializando não apenas as obras dadas à luz por ele e por outros em Portugal, mas também aquelas saídas dos prelos cariocas por iniciativa de seu filho. Em 1812, Paulo Martin, pai, submeteu à aprovação da censura lisboeta o “Catálogo das Obras impressas no Rio de Janeiro e que se acham de venda em Lisboa, na loja de Paulo Martin e Filhos, nº. 6 defronte do Chafariz do Loreto”, no qual anunciava 45 livros impressos no Brasil. Invertendo o fluxo dos livros que, durante séculos, partiram de Portugal rumo ao Rio de Janeiro, o livreiro solicitou autorização para divulgar, em Lisboa, a venda de obras variadas de Direito, Geografia, Medicina, Matemática, Economia, Agricultura, Biologia e Belas Letras.⁵⁶ Nesse momento, a relação inverteu-se, fazendo com que os portugueses tivessem que aguardar a chegada dos navios para poder ler alguns dos livros pelos quais se interessavam.

Entre eles estavam os famosos versos compostos por Tomás Antonio Gonzaga no Brasil e publicados sob o título de *Marília de Dirceu*. A primeira edição do livro foi publicada anonimamente, em Lisboa, em 1792, quando o autor cumpria pena em Moçambique por sua participação na Inconfidência Mineira.⁵⁷ Os poemas fizeram grande sucesso em Portugal, conhecendo quatro diferentes edições em Lisboa, até 1800 – uma das quais vendeu 2.000 exemplares em apenas seis meses.⁵⁸ Provavelmente, este sucesso fez com que Paulo Martin se interessasse em preparar em uma nova edição no Rio de Janeiro, a qual saiu à luz em 1810.⁵⁹

Rubens Borba de. *Bibliografia da Imprensa Régia do Rio de Janeiro*. São Paulo: EDUSP, Livraria Kosmos Editora, 1993, vol I, p. XXIX.]

⁵⁶ O “Catálogo” está transcrito na íntegra em ABREU, Márcia. “Impressão Régia do Rio de Janeiro: novas perspectivas”. In: *Convergência Lusíada*, nº. 21. Real Gabinete Português de Leitura. Centro de Estudos Pólo de Pesquisa sobre Relações Luso-brasileiras, 2005, pp. 199-222. O conjunto de obras de Belas Letras anunciado no “Catálogo” é reduzido, contando com apenas 10 títulos – poemas, tragédias, um elogio e um sermão. Curiosamente, não se faz referência a um único romance – gênero ao qual, segundo a historiografia brasileira, se ligaria a atividade de Paulo Martin como editor.

⁵⁷ Preso em 1789 como participante da Inconfidência Mineira, foi enviado ao Rio de Janeiro onde permaneceu encarcerado até 1792, quando foi condenado a dez anos de desterro em Moçambique.

⁵⁸ A história editorial de *Marília de Dirceu* é bastante complexa nesses primeiros anos, incluindo edições apócrifas e divulgação de poemas de autoria incerta. Veja-se a respeito o prefácio preparado por M. Rodrigues Lapa para a edição *Marília de Dirceu e mais poesias*, Tomás Antônio Gonzaga. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1937.

⁵⁹ *Marília de Dirceu*. Por T.A.G. Nova edição. Rio de Janeiro. Na Imprensa Regia. Com licença de S.A.R. 1810. 3 partes.

A obra foi incluída nos catálogos de livros com que Martin divulgava os livros que punha à venda tanto no Brasil quanto em Portugal.⁶⁰ A complexidade do comércio de livros nesse momento pode ser entrevista no fato de *Marília de Dirceu* ser publicada tanto em Lisboa quanto no Rio de Janeiro e de cruzar frequentemente o Atlântico, nos dois sentidos. Entre 1808 e 1821 este livro esteve entre as 10 obras de Belas Letras mais frequentemente importadas de Lisboa, mesmo tendo sido editada pela Impressão Régia, no Rio de Janeiro, de onde era remetida para venda em Lisboa, onde também poderia ser adquirida sem necessidade de importação.⁶¹ O sucesso deste livro foi tamanho que, segundo Innocencio da Silva, “exceção feita de Camões, nenhum outro português alcançou no presente século as honras de tamanha popularidade!”⁶², referindo-se ao fato de *Marília de Dirceu* ter tido quinze edições em Portugal na primeira metade do século XIX.

Sua boa acolhida não se restringiu ao mundo lusófono, já que, em 1825, foi publicada em Paris uma tradução, feita por Paul Auguste Prosper Chalas e François Eugène Garay de Monglave, intitulada *Marilie – chants élégiaques de Gonzaga*, e dada à luz pelo famoso editor francês Panckoucke⁶³. A difusão europeia do livro foi favorecida, também, pela publicação de traduções para o italiano e, até mesmo, para o latim.⁶⁴

O início da recepção crítica da obra de Tomás Antonio Gonzaga ocorreu também fora do Brasil, uma vez que o primeiro a comentá-la foi o francês Ferdinand Denis, em seu *Résumé de l'Histoire Littéraire du Brésil*, publicado em Paris em 1826 – um livro

⁶⁰ Em 1810, o livreiro Paulo Martin anunciou, juntamente com *O Plutarco revolucionário*, um “Catálogo dos folhetos impressos à custa de Paulo Martin Filho, que se acham na sua loja na rua da Quitanda nº 34”, no Rio de Janeiro, no qual incluía, como estando no prelo, “*Marília de Dirceu*, por Gonzaga, 3 vol.” O catálogo é reproduzido em: SILVA, Maria Beatriz Nizza da. *Cultura no Brasil Colônia*, Petrópolis, Vozes, 1981. [grifo meu]

⁶¹ ABREU, Márcia. “Livros ao mar – circulação de obras de Belas Letras entre Lisboa e Rio de Janeiro ao tempo da transferência da corte para o Brasil”. In: *Revista Tempo*. Universidade Federal Fluminense – Departamento de História, vol. 12, nº. 24 – jan.-jun 2008. Rio de Janeiro: Departamento de História da UFF, 2008, pp. 85-198.

⁶² SILVA, Innocencio Francisco da. *Diccionario Bibliographico Portuguez*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1858.

⁶³ MONGLAVE, E. & CHALAS, P. *Marilie – chants élégiaques de Gonzaga*. Traduits du portugais. Paris: C.L.F. Panckoucke Éditeur, 1825. Edição facsimilar do livro está disponível em <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k56298595>. Consultado em 5 de fevereiro de 2011. Breves indicações bio-bibliográficas sobre os tradutores estão em POLET, Jean-Claude. *Patrimoine littéraire européen: anthologie en langue française*. Volume 2. Bruxelles: De Boeck Université, 2000.

⁶⁴ A tradução de Monglave e Chalas foi feita em prosa. Em 1844 as partes I e II foram traduzidas, em verso, para o italiano por Giovenale Vegezzi-Ruscalla e publicadas em Turim por Stamperia Sociale Degli Artisti. No mesmo ano de 1844, algumas liras selecionadas foram traduzidas em verso por Castro Lopes e publicadas no Rio de Janeiro, por Quirini & Fratis. Nova edição dos versos em latim foi publicada em 1887, também no Rio de Janeiro por Leuzingerius & Filii (2ª edição da tradução em latim). (MORAES, Rubens Borba de. *Bibliografia Brasileira do Período Colonial*. São Paulo, IEB-Instituto de Estudos Brasileiros, 1969.)

central para os letrados brasileiros em suas reflexões sobre os rumos da literatura nacional.⁶⁵ Denis foi um dos grandes responsáveis pela difusão da cultura e da história brasileiras na França, tendo sido o autor de um dos primeiros textos sobre o Brasil publicado na *Revue des Deux Mondes*,⁶⁶ além de ter dado à luz uma série de livros sobre o país e atuado como animador das relações letradas entre a França e o Brasil.⁶⁷

Estes poucos exemplos deixam claro que Inglaterra, França, Portugal e Brasil estavam conectados do ponto de vista cultural e econômico – o que já se sabe – e que havia uma difusão de produções brasileiras na Europa desde o início do século XIX – o que é menos conhecido. Isto chama a atenção para o fato de que a história do livro não pode se fechar sobre uma única nação, sob pena de desconsiderar parte essencial do processo de produção, difusão e apropriação dos impressos.⁶⁸

Por isso, ênfase deve ser posta sobre o termo *circulação*, pois o que interessa é observar o movimento *entre* Europa e Brasil e não o fluxo de ideias e mercadorias *da* Europa *para* o Brasil. Ou seja, interessa pensar mais em termos de conexão do que de dependência.⁶⁹ Pensar mais em termos de apropriação do que de dominação.⁷⁰

⁶⁵ DENIS, Ferdinand. *Résumé de l'histoire littéraire du Portugal, suivi du Résumé de l'histoire littéraire du Brésil*. Paris: Lecointe et Durey Libraires, 1826. Sobre as histórias da literatura brasileira produzidas por europeus e a importância de Ferdinand Denis, ver ABREU, Márcia. "Letras, belas-letas, boas-letas". In: BOLOGNINI, Carmen Zink. *História da literatura: o discurso fundador*. Campinas: Mercado de Letras/FAPESP, 2003. CANDIDO, Antonio. *O Romantismo no Brasil*. São Paulo: Humanitas / FFLCH-USP, 2002. LAJOLO, Marisa. "Literatura e história da literatura: senhoras muito intrigantes". In: MALLARD, Letícia et al. *História da literatura – ensaios*. Campinas: Editora da Unicamp, 1994, PP 19-36. ROUANET, Maria Helena. *Eternamente em berço esplêndido : A fundação de uma literatura nacional*. Prefácio de Luiz Costa Lima. São Paulo: Siciliano, 1991.

⁶⁶ *Revue des Deux Mondes* (1831, tome 2, sur Saint-Hilaire). Cf. *La France au Brésil - http://bndigital.bn.br/francebr/frances/ferdinand_denis.htm*. Consultado em 7 de fevereiro de 2011. Sobre a *Revue des Deux Mondes*, ver: CAMARGO, Katia A. F. de. *A Revue des Deux Mondes: intermediária entre dois mundos*. Natal: EdUFRN, 2007.

⁶⁷ "Recevant les visiteurs, entretenant une abondante correspondance, il fut durant ces décennies le point de passage incontournable de nombreux Français, écrivains, historiens ou voyageurs, et de Brésiliens parmi lesquels l'empereur dom Pedro II lui-même." Além de Denis, Monglave teve papel relevante nas relações franco-brasileiras no início do século XIX: "Le polygraphe Eugène Garay de Monglave (de son vrai nom Eugène Moncla, d'origine basque), qui projeta un temps de se naturaliser brésilien, fut un proche de dom Pedro I, dont il traduisit la correspondance échangée avec son père dom João VI, et fréquenta de nombreux cercles institutionnels, étant en particulier le secrétaire perpétuel de l'Institut Historique de Paris fondé en décembre 1833." *La France au Brésil - http://bndigital.bn.br/francebr/frances/ferdinand_denis.htm*. Consultado em 7 de fevereiro de 2011.

⁶⁸ Ver, por exemplo, COOPER-RICHET, Diana. "Paris, carrefour des langues et des cultures : édition, presse et librairie étrangères à Paris au XIX^e siècle", In: *Histoire et civilisation du livre, revue internationale*, n^o V, 2009, pp. 121-143. COOPER-RICHET, Diana. "Paris, capital editorial do mundo lusofono na primeira metade do século XIX ?", *Varia*, vol. 25, n^o 42, julho-dezembro 2009, pp. 539-555.

⁶⁹ Eliana Dutra ressalta a importância de se pensar a circulação em mão dupla de ideias e de impressos: "L'histoire du livre, en Amérique du Sud, ne peut pas se replier sur elle-même, dès lors que, dans son évolution, le livre est à la fois instrument et partie constitutive d'une diversité planétaire. Le livre a participé de manière très importante à la construction de la modernité et du capitalisme globalisé. Ses lieux de production, ses circuits de circulation, ses destinataires, ses formules éditoriales, ses réseaux de

Além disso, o “longo século XIX” é um período particularmente interessante, pois, ao mesmo tempo em que se intensificam as articulações comerciais e culturais, ocorrem processos de constituição de Estados nacionais independentes. Esses processos não se fazem como fenômenos isolados, restritos ao interior das fronteiras de cada país, mas como parte de um processo de trocas e contrastes (políticos, econômicos, culturais e sociais) com outras nacionalidades.⁷¹ Como ressaltam Michel Espagne e Michael Werner, “a própria definição do que é uma literatura nacional é praticamente impossível sem o recurso continuado a elementos de culturas estrangeiras.”⁷²

Assim, além de considerar os vínculos culturais, políticos e econômicos com a Inglaterra, França e Portugal, interessa observar que a nascente cultura nacional brasileira era publicada e divulgada sobretudo por meio de livreiros e editores estrangeiros, que, muitas vezes, produziam fora do Brasil os livros encarregados de expressar a nacionalidade brasileira. Dentre eles, destaca-se o francês Baptiste Louis Garnier que, como mostrou Cláudia Neves Lopes, não foi apenas o representante de uma casa editora europeia no Brasil, mas, ao contrário, teve um papel decisivo no processo de constituição da literatura brasileira, transformando autores brasileiros em escritores

distribution, ses formats matériels, ses lieux de dépôt, sa valeur symbolique, ses contenus et ses répertoires textuelles ont été mélangés non seulement à l’histoire de la colonisation lusophone et hispanophone à l’intérieur du nouvel ordre économique et social de l’espace atlantique, mais à l’histoire du contact et des échanges culturels, ethniques, politiques et scientifiques qui se sont opérés des deux cotés de l’Atlantique.”DUTRA, Eliana. “L’espace atlantique et la civilisation mondialisée. Histoire et évolution du livre en Amérique Latine”. 21^e Congrès International des Sciences Historiques. Sessão: Le Livre dans une Perspective Transculturelle. Disponível em www.cish2010.org. Consultado em 25 de janeiro de 2011.

⁷⁰ Roger Chartier, comentando o conceito de apropriação, diz: “a apropriação era a maneira de rejeitar a tirania da escala social aplicada às práticas culturais ou todos os discursos que pensavam que, quando há uma força de aculturação, as pessoas são de imediato aculturizadas sem haver de permeio espaços, distâncias ou lugares para estas formas de apropriações distintas ao que tenta impor uma autoridade, qualquer que seja a sua natureza”, ressaltando o caráter “inventivo e criador” da leitura. CHARTIER, Roger. *Cultura escrita, Literatura e História*. Porto Alegre: Artmed, 2001, p. 117.

⁷¹ Segundo Frédéric Barbier, “le XIX^e siècle est le siècle des nationalités, dont l’identité culturelle s’affirmera par opposition à une culture jusque-là dominante [la culture française], et une des voies privilégiées de cette affirmation réside dans l’usage linguistique.” BARBIER, Frédéric. “Les marchés étrangers de la librairie française”. In: CHARTIER, Roger, MARTIN, Henri-Jean (dir.). *Histoire de l’édition française – Le temps des éditeurs – du Romantisme à la Belle Époque*. 2ed. Tome 3. Paris : Promodis, 1985, pág. 270.

⁷² “la définition même de ce qu’est une littérature nationale n’est guère possible sans le recours permanent à des éléments de cultures étrangères.” ESPAGNE, Michel & WERNER, Michael. “Avant-propos”. In: ESPAGNE, Michel & WERNER, Michael (org.). *Philologiques III. Qu’est-ce qu’une littérature nationale? Approches pour une théorie interculturelle du champ littéraire*. Paris: Éditions de la Maison des Sciences de l’Homme, 1994, p.7.

remunerados por seu trabalho – seja nas revistas que editou, seja nos inúmeros livros que publicou.⁷³

Entretanto, a questão dos livreiros-editores estrangeiros deve ser vista como uma via de mão dupla, pois, como ressalta Jean-Yves Mollier, os grandes editores emigrados da França não teriam tido sucesso se não fossem capazes de aprender, rapidamente, os ensinamentos dos países onde se instalavam, produzindo objetos híbridos, composto por elementos estrangeiros e por materiais próprios às nações nas quais eles se estabeleceram.

Assim, buscar entender, por exemplo, a formação da literatura brasileira no século XIX, sem considerar o fato de que os estudantes formavam seu gosto, na escola, lendo retóricas e poéticas traduzidas do francês e do inglês; que os escritores disputavam o interesse do público e a atenção dos críticos com romances, poesias e peças teatrais europeias maciçamente presentes no país – seja em traduções (portuguesas ou brasileiras), seja em versão original – conduz, necessariamente a uma visão empobrecida e parcial do processo. Observando os dados relativos ao comércio de livros – e, portanto, focando a atenção tanto na escrita de obras literárias como em sua leitura –, fica evidente que a constituição da identidade nacional se fez no interior de um processo de forte globalização, que colocava em circulação pessoas, ideias e livros entre a Europa e o Brasil (e – enfatize-se – entre o Brasil e a Europa).⁷⁴

Desta forma, a perspectiva adotada neste projeto não coloca a Europa – e sobretudo França e Inglaterra – como baliza de toda a produção cultural, como referência para avaliação e análise daquilo que ocorreu no Brasil. Desse modo, ideias como a de atraso não têm lugar, pois não se considera a existência de uma cronologia única, referenciada pelo que se passa nos países mais desenvolvidos da Europa. Aquilo que foi visto, muitas vezes, como atraso resulta da supervalorização do modelo europeu

⁷³ LOPES, Cláudia Neves. *Les relations éditoriales entre le Brésil et le Portugal: la place du livre et de l'édition dans le processus de la colonisation et de la décolonisation culturelles, 1889-1989*. Université de Paris VII, 1998.

⁷⁴ Como lembram Michel Espagne e Michael Werner, “La littérature nationale, ce ne sont pas seulement les livres: c’est aussi la place qui leur est dévolue dans un système global, et cette place ne tient pas seulement à des spécificités ethniques ou sociales, à des systèmes propres d’organisation de la vie littéraire, des revues, de l’enseignement, des bibliothèques, aux ruptures entre des niveaux de littérature noble et populaire, mais elle tient aussi à l’interaction entre les institutions dans les différentes cultures.” ESPAGNE, Michel & WERNER, Michael. “Avant-propos”. In: ESPAGNE, Michel & WERNER, Michael (org.). *Philologiques III. Qu’est-ce qu’une littérature nationale? Approches pour une théorie interculturelle du champ littéraire*. Paris: Éditions de la Maison des Sciences de l’Homme, 1994, p.10.

(ou melhor, de algumas das nações mais desenvolvidas da Europa) e de uma falta de atenção aos modos específicos de produção da cultura letrada nas diferentes partes do globo.⁷⁵ Da mesma forma, não há interesse em pensar o Brasil como unidade isolada nem supervalorizar o que lhe é específico, pois a cultura desenvolvida no país – e, principalmente, a cultura letrada – tem evidente conexão com o que se passa na Europa – o que quer dizer, basicamente, Inglaterra, França e Portugal, quando se pensa no século XIX. Trata-se, portanto, de evitar dois perigos: o eurocentrismo e o exotismo.⁷⁶

2. As frentes de pesquisa

As investigações a serem realizadas pelos pesquisadores acima mencionados tomam por objeto um (ou vários) dos elementos arrolados a seguir:

- Atores das trocas entre os países (livreiros, editores, tipógrafos, diretores de revistas, escritores, tradutores, ilustradores, jornalistas, censores, atores e atrizes, empresários teatrais, leitores etc.)

- Instituições e lugares (bibliotecas, gabinetes de leitura, redações de jornais e revistas, organismos de censura etc.)

- Suportes de impressos e gêneros de textos (jornais, revistas, livros infantis e juvenis, romances, partituras musicais, obras filosóficas, peças teatrais etc.)

Esses elementos são investigados em três eixos temáticos: produção dos textos e dos impressos e sua difusão; circulação e recepção das belas letras; circulação e recepção de periódicos.

Um grupo de pesquisadores está articulado em torno da **produção dos textos e dos impressos e sua difusão**.

Jean-Yves Mollier (UVSQ) examina a ação de impressores, livreiros e editores parisienses na produção de obras em português, cuja destinação principal era o Brasil,

⁷⁵ Contra a noção de atraso e trajetória única ver, por exemplo, os clássicos trabalhos de Celso Furtado: *Desenvolvimento e Subdesenvolvimento* (Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961) e *Teoria e Política do Desenvolvimento Econômico* (São Paulo: Paz e Terra, 2000. 10ª edição, revista pelo autor. 1ª edição: 1967).

⁷⁶ Como lembra Serge Gruzinski: “Les pistes d’une histoire culturelle décentrée, attentive au degré de perméabilité des mondes et aux croisements de civilisations, peuvent également se révéler fécondes [...] Cette histoire culturelle élargie ne prend tout son sens que dans un cadre plus vaste capable d’expliquer, au-delà des “histoires partagées” comment et à quel prix les mondes s’articulent.” GRUZINSKY, Serge. *Les quatre parties du monde – histoire d’une mondialisation*. Paris: Éditions de La Martinière, 2004, p. 34.

pensando a cidade como a capital brasileira da impressão no século XIX. No mesmo sentido, Diana Cooper-Richet (UVSQ) observa a produção de obras em língua portuguesa, na primeira metade do século XIX, tanto na França quanto na Inglaterra, bem como analisa os circuitos percorridos pelos textos para chegar a leitores lusófonos na Europa e na América, prestando especial atenção à sua presença em livrarias, bibliotecas e gabinetes de leitura.

A difusão de livros franceses é estudada também por Cláudia Poncioni (Université Sorbonne Nouvelle – Paris 3) e Rita de Cássia Barbosa de Araújo (Fundação Joaquim Nabuco), cujo interesse é observar a presença do ideário socialista nos jornais pernambucanos da década de 1840, tendo em vista a ação do engenheiro francês Louis-Léger Vauthier em Pernambuco, entre 1840 e 1846, na divulgação dos escritos da “Ecole sociétaire”, grupo reunido em torno das ideias de Charles Fourier.

A atuação de livreiros e editores franceses é também o tema de Andréa Borges Leão (UFC), que examina a interdependência entre a expansão internacional do sistema editorial francês e a tematização dos países para os quais ela se destinava, analisando-a como uma possível estratégia para favorecer a constituição de novos mercados consumidores. Ela observa, sobretudo, a literatura voltada aos jovens, estudando a produção do exotismo tropical na imprensa juvenil francesa dedicada às viagens, concentrando sua atenção, especialmente, nos textos que têm o Brasil como tema.

A ação dos livreiros, impressores e editores é também o foco dos trabalhos de Lúcia Maria Bastos Pereira das Neves (UERJ), que estuda a primeira metade do século XIX, e de Tânia Maria Tavares Bessone da Cruz Ferreira (UERJ), que se dedica à segunda metade do Oitocentos. Ambas almejam compreender a circulação, no Brasil, de ideias advindas da França e de Portugal, examinando a difusão da literatura francesa e portuguesa (tanto em língua original, quanto por meio de traduções, no caso francês). Elas pretendem observar as relações mantidas pelos tradutores e pelos autores com os livreiros e editores do período, visando compreender o processo de constituição de uma república das letras no Brasil. Tânia Bessone examina também a publicação de impressos populares, um filão importante nos negócios de grandes livreiros-editores como Garnier, Quaresma e Francisco Alves, que perceberam a necessidade de considerar os múltiplos letramentos existentes no Brasil oitocentista.

As relações entre os homens de letras e os editores – mais especificamente com o grande editor oitocentista B. L. Garnier – é o tema de Marisa Lajolo (UNICAMP / Mackenzie), Lúcia Granja (UNESP) e Gabriela Pelegrino Soares (USP).

Marisa Lajolo concentra sua atenção sobre as disputas acerca dos direitos autorais, observando, principalmente, a trajetória do poeta brasileiro Gonçalves Dias, em seus desentendimentos com Garnier e em suas disputas de mercado com escritores portugueses seus contemporâneos.

Lúcia Granja estuda as ligações profissionais entre o livreiro /editor e Machado de Assis, caso exemplar de escritor-jornalista no XIX. Ela analisa a relação entre composição literária e suporte, tanto na publicação de literatura nos periódicos, como no momento da transferência de um texto inicialmente publicado em jornal ou revista para o formato livro. Examina também o movimento que leva os textos de Machado dos periódicos aos livros, o que, em alguns casos, implica uma dupla passagem por tipografias parisienses, que imprimiram tanto periódicos quanto os livros que abrigaram sua produção.

Gabriela Pelegrino Soares (USP) também centra sua atenção sobre a atuação dos Garnier, examinando, entretanto, as obras infantis, juvenis e didáticas publicadas pelos irmãos Garnier na França e suas traduções para o português e para o espanhol, a fim de analisar as concepções editoriais aplicadas a cada um dos locais, por meio da comparação dos textos, das ilustrações e da materialidade das obras. Observa, também, o espaço conseguido pelos autores de língua portuguesa e espanhola para publicação de suas próprias obras.

A questão das traduções é também objeto da investigação de Ilana Heineberg (Université de Bordeaux 3 – Michel de Montaigne), que investiga o papel dos tradutores como mediadores culturais, trabalhando sobre as traduções de obras brasileiras para o francês (com especial destaque para os romances), mas considerando também os tradutores de romances franceses para o português.

Um segundo núcleo de pesquisadores articula-se em torno da questão da **circulação e recepção das belas letras.**⁷⁷

⁷⁷ Conforme observa Frédéric Barbier, na Alemanha, a “literatura geral” é uma das áreas de maior crescimento no final do século XVIII, chegando a ser responsável, em 1800, por 21% de toda a produção impressa alemã, com destaque para os romances, responsáveis por 12% do total, e para a literatura para

Desde o século XVIII, os romances estão entre os livros de maior circulação entre França, Portugal e Brasil, como já mostraram diversos trabalhos, que permitem perceber uma forte sincronia nas preferências dos leitores destes três países. Entretanto, se sabe pouco sobre sua recepção crítica entre meados do XVIII e início do XIX, quando a crítica jornalística ainda era bastante incipiente. Uma maneira de conhecer a reação dos letrados às primeiras produções romanescas é acompanhar os organismos de censura, que, tanto na França quanto em Portugal e no Brasil, produziam copiosas avaliações dos textos, considerando não apenas sua ortodoxia política e religiosa, mas também sua qualidade artística. Assim, Márcia Abreu (UNICAMP) propõe um estudo comparativo, que focalize não apenas o modo de funcionamento das instituições francesas e luso-brasileiras, como também observe as sintonias e discrepâncias na avaliação de um mesmo conjunto de romances, perscrutando os critérios de avaliação empregados por letrados em um momento em que o gênero ainda não havia sido canonizado.

Preocupação semelhante anima a pesquisa de Daniel Melo (Universidade Nova de Lisboa) que tomará o romance moderno como ponto de observação a partir do qual examinará os debates travados, entre o final do século XVIII e o início do XX, sobre o papel da literatura e sobre as relações entre a cultura erudita, a popular e a cultura destinada a públicos amplos, também chamada à época de “literatura industrial”. Tais debates ocorrem no interior de complexas lutas simbólicas, que envolvem, entre outros temas, a questão da produção editorial nacional vs. a estrangeira – que, no caso português, tinha como contrapontos principais as edições francesa e brasileira. Seu propósito será identificar semelhanças entre o caso português, francês e brasileiro, sem perder de vista a análise da especificidade lusitana, examinando as relações entre literatura, política, história no processo de afirmação do campo literário e do estatuto institucional e socioprofissional do romancista e do intelectual.

O estudo da presença, circulação e recepção de romances também anima os trabalhos de Pedro Paulo Garcia Ferreira Catharina (UFRJ) e Leonardo Mendes (UERJ/FAPERJ) que analisam o naturalismo literário na França e no Brasil, a fim de compreender que autores e textos foram lidos no Brasil e de que maneira os escritores brasileiros se apropriaram dessas leituras, elaborando um naturalismo de feição brasileira. Interessa analisar também a recepção destes textos nos dois países, a fim de

crianças. (BARBIER, Frédéric. “La librairie allemande comme modèle?”. In: MICHON, Jacques & MOLLIER, Jean-Yves (op. cit.), p. 37)

observar os critérios a partir dos quais essas obras foram lidas e avaliadas no momento de sua primeira circulação.

A circulação de obras francesas em Portugal e no Brasil interessa também a Luiz Carlos Villalta (UFMG), que se propõe a estudar a circulação e leitura de escritos libertinos, na França, Portugal e Brasil, tomando como fonte os documentos produzidos por organismos de censura. A fim de analisar os conteúdos filosóficos, religiosos e políticos desses textos, adota-se uma perspectiva comparativa, verificando os aspectos comuns e as especificidades das apropriações realizadas nos diferentes países, sem perder de vista sua inserção no contexto político em que circulavam.

A partir do início do século XIX, a importância da França como ponto de origem de obras de intensa circulação mundial ganhou notável impulso com o surgimento dos folhetins, que se tornaram um verdadeiro fenômeno de leitura. Maria Lúcia Dias Mendes (UNIFESP) estuda a circulação e recepção do folhetim francês no Brasil, entre 1838 e 1899, observando suas formas de publicação (em periódicos e em livros) e os lugares de sua circulação, assim como analisar a recepção crítica realizada pelos contemporâneos (inclusive, se possível, aquela realizada por leitores comuns).

A França foi também um dos principais focos de difusão de peças teatrais encenadas em diversas partes do mundo, tema examinado por Orna Messer Levin (UNICAMP), Graça dos Santos (Université Paris Ouest Nanterre) e Jean-Claude Yon (UVSQ) que focam sua atenção sobre o repertório teatral francês em Portugal e no Brasil, a partir da década de 1830, observando a circulação de impressos teatrais em francês, bem como as traduções e adaptações destinadas à leitura do público brasileiro e português. São investigadas, também, as rotas percorridas por trupes francesas e italianas que passavam pelo Brasil, identificando os empresários, atores e atrizes que tomavam parte no circuito internacional, e analisando as encenações de peças francesas realizadas nos palcos cariocas. Anaïs Fléchet (UVSQ) também centra sua atenção no mundo dos espetáculos, concentrando-se, entretanto, nas apresentações musicais, que são examinadas tanto do ponto de vista da produção e circulação de partituras quanto de sua apresentação em teatros e salas de concerto nos circuitos europeu e brasileiro.

A produção francesa é também o tema de Marisa Midore Deaecto (USP), que examina os circuitos percorridos por obras relativas à Revolução Francesa no mundo lusófono, entre 1848 e 1889, focando sua atenção em edições traduzidas ou adaptadas

para a língua portuguesa produzidas tanto em Portugal quanto no Brasil. Ela observa não apenas os impressos e sua recepção, mas também sua presença em bibliotecas e gabinetes de leitura.

Os gabinetes, como local de conservação e leitura de romances, são o foco de três trabalhos bastante interligados.

Sandra Guardini Teixeira Vasconcelos (USP) investiga a procedência editorial dos romances ingleses setecentistas e oitocentistas presentes na Rio de Janeiro Subscription Library e no Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, retrazando o circuito das editoras responsáveis pela publicação de ficção inglesa, tanto em língua original quanto nas mais diversas traduções. Assim como ela, Maria Eulália Ramicelli (UFSM) debruça-se sobre o acervo de um gabinete de leitura a fim observar a presença dos romances ingleses, seja em língua original, seja em traduções, tomando por objeto a Biblioteca Rio-Grandense, fundada como gabinete de leitura em 1846.

Os romances e os gabinetes de leitura também estavam presentes no outro extremo do país, em Belém do Pará, local em que se desenvolve a pesquisa de Valéria Augusti (UFPA). Ela observa a presença de romances no acervo, prestando atenção às maneiras pelas quais eles ali chegaram, examinando as conexões mantidas pela diretoria do Grêmio Literário Português do Pará com livreiros portugueses, especialmente com o livreiro e editor lisboeta Antonio Maria Pereira, um dos mais relevantes fornecedores de livros para o grêmio, com articulações importantes também com o gabinete de leitura do Rio de Janeiro, do Maranhão, da Bahia e de Pernambuco.

O editor português Antonio Maria Pereira teve também importante participação nas comemorações brasileiras do tricentenário da morte de Camões, em 1880, tema sobre o qual se desenvolve o trabalho de Giselle Venâncio (UFF). Observando os eventos ocorridos tanto em Portugal quanto no Brasil, nos quais os livros e os impressos em geral tiveram papel preponderante, ela observa a constituição de uma noção de memória luso-brasileira e seu impacto sobre a ideia de nação no Brasil.⁷⁸

O terceiro grupo de pesquisadores articula-se em torno do estudo da **circulação e recepção de periódicos**.

⁷⁸ O pesquisador José Cardoso Ferrão Neto (UERJ – PRODOC) examinará os romances brasileiros das duas últimas décadas do século XIX a fim de observar as diferentes formas de letramento presentes na cidade do Rio de Janeiro e os diálogos existentes entre oralidade e escrita no final dos Oitocentos.

No século XIX, a produção de periódicos podia ser um empreendimento que envolvia pessoas e empresas de diversos países. É o caso de três revistas destinadas ao público feminino, que tiveram grande circulação no Brasil: *A Marmota Fluminense* (1854-1861, 1864), o *Jornal das Famílias* (1863-1878) e *A Estação* (1879-1904). Estes periódicos, estudados por Ana Cláudia Suriani (University of Surrey), publicaram textos ficcionais, anúncios e modelos de vestimentas cuja origem era, por vezes, a Europa e, por vezes o Brasil. Da mesma forma, eram compostos, impressos, encadernados e distribuídos por meio da ação de pessoas e companhias instaladas na França, Inglaterra, Alemanha e Brasil – caracterizando-se como empreendimentos verdadeiramente transnacionais.

A Revue des Deux Mondes é outro periódico de vocação internacional, o que é expresso em seu próprio título. Eliana Dutra (UFMG) investiga a trajetória da *Revue des Deux Mondes* no Brasil, identificando as redes de distribuição do periódico e analisando, fundamentalmente, os ensaios de cunho historiográfico e político a fim de revelar as afinidades do circuito de produção e edição do conhecimento histórico e do pensamento político na França e no Brasil, entre 1850 e 1914.

O mesmo periódico é objeto de estudo de Katia Aily Franco de Camargo (UFRN), que estuda as imagens do Brasil elaboradas e difundidas pela *Revue des Deux Mondes* e por seu suplemento, o *Annuaire des Deux Mondes*, durante o século XIX, e suas relações com as representações do país produzidas por brasileiros, considerando não apenas registros de leitores do periódico (comentário, traduções, artigos resposta), mas principalmente os romances do Visconde de Taunay – *Cenas de Viagem* (1868), *Inocência* (1872), *Ouro sobre azul* (1874), *O Encilhamento* (1894).

Interesse semelhante anima o trabalho proposto por Mateus Henrique de Faria Pereira (UFOP), que toma por objeto a *Revista Brasileira* a fim de perceber as apropriações de escritos franceses e portugueses como elementos relevantes no processo de construção da identidade nacional brasileira, analisando as resenhas sobre obras francesas e portuguesas publicadas pela revista entre 1857 e 1889.⁷⁹

⁷⁹ As pesquisas sobre os periódicos transnacionais também serão desenvolvidas pelas pesquisadoras Ana Cláudia Suriani (Birkbeck College) e Valéria Guimarães (Pós-doutorado – PUC-SP) Ana Cláudia Suriani pretende analisar as relações internacionais mantidas por três revistas femininas publicadas na segunda metade do século XIX – *A Marmota Fluminense*, *Jornal das Famílias*, *A Estação* –, cuja produção e circulação envolveu pessoas e empresas francesas, alemãs e brasileiras. *A Marmota Fluminense* pertencia a um editor brasileiro, era impressa no Brasil, mas importava figurinos e moldes da

Da mesma forma, Tânia de Luca (UNESP) estuda a revista *A Ilustração – revista de Portugal e do Brasil*, periódico editado na França por Mariano Pina e que circulou no Brasil e em Portugal entre 1884 e 1892, analisando os comentários e notas sobre livros publicados na França, em Portugal e no Brasil.

O empreendimento de Mariano Pina teve continuidade na *Revista luso-brasileira*, publicada em Paris, em português, no ano de 1893. A *Revista*, estudada por Jacqueline Penjon (Université Sorbonne Nouvelle – Paris 3), é um lugar privilegiado para a observação das trocas culturais entre França, Brasil e Portugal, no âmbito das artes e da literatura. A pesquisadora analisa também os jornais em francês publicados no Rio de Janeiro, investigando as matérias relativas a temas culturais como textos críticos sobre peças de teatro encenadas e livros publicados dos dois lados do Atlântico.

Em sentido inverso, o trabalho de Isabel Lustosa (FCRB) observa a presença de matéria brasileira e portuguesa em jornais franceses do início da década de 1830, período no qual D. Pedro I e sua corte viveram em Paris e foram presença constante na imprensa. A pesquisa pretende analisar a maneira como os jornais franceses percebiam a atuação de D. Pedro e como acompanharam o destronamento de sua filha D. Maria, apeada do poder por seu tio D. Miguel.

As relações políticas entre franceses e portugueses é também o alvo das pesquisas desenvolvidas pela equipe lusitana, composta por João Luís Lisboa (Universidade Nova de Lisboa), José Santos Alves (UNL) e Teresa Payan Martins (UNL), cujo objetivo é estudar a presença francesa em Portugal, nos vinte anos que precedem a revolução liberal, buscando saber se (e de que modo) a presença física dos exércitos napoleônicos interferiu na difusão da cultura francesa em Portugal.

Evidentemente, as propostas de pesquisa foram resumidas de maneira drástica, tendo em vista a impossibilidade de apresentar detalhadamente cada um dos projetos

França e publicava, principalmente, ficção traduzida. O *Jornal das Famílias* pertencia a um editor francês, era editado e impresso em Paris, publicando moda, moldes e ficção francesa traduzida, mas abria espaço, também para a ficção produzida por brasileiros. Finalmente, *A Estação* era a versão brasileira da revista alemã *Die Modenwelt*, divulgando moda e ilustrações providas da Alemanha, mas contendo também um suplemento literário composto por artigos e obras ficcionais preparados por brasileiros. O objetivo da pesquisa será examinar os modos de produção e distribuição dessas revistas, analisando a maneira pela qual elas contribuíram para formar o gosto dos leitores brasileiros tendo como referência valores europeus, buscando, entretanto, um equilíbrio entre a matéria cosmopolita e a nacional.

Valéria Guimarães volta-se para a circulação de jornais populares franceses, buscando, sobretudo, aqueles que continham seções de *faits divers*, pois eram esses os que atingiam públicos mais amplos e ecléticos no final do século XIX e início do XX, permitindo observar o processo de vulgarização do idioma francês entre o público leitor brasileiro.

individuais no pequeno espaço aqui disponível. Entretanto, a sumária apresentação das investigações permite perceber as articulações entre os diversos trabalhos e deixa claro que este projeto se localiza na intersecção entre diferentes vias da pesquisa histórica: a história dos livros e da leitura, a história literária, a história econômica, a história política e a história cultural.

3. Objetivos a atingir

As diversas pesquisas congregadas no projeto “A circulação transatlântica dos impressos – a globalização da cultura no século XIX” articulam-se em torno de objetivos comuns.

De um ponto de vista geral, esses objetivos são:

- analisar o processo de difusão das culturas francesa e inglesa em escala transatlântica, num momento em que há uma clara supremacia econômica inglesa e uma nítida preponderância cultural francesa;

- refletir sobre a maneira pela qual a constituição da nacionalidade brasileira se processou em interação com impressos, editores e livreiros estrangeiros, cuja presença é central na cultura letrada do país no século XIX;

- examinar o lugar de Portugal na mediação Europa – Brasil, inicialmente na posição de metrópole e, em seguida, em situação pós-colonial.

- compreender a ação dos “passeurs”, mediadores entre espaços e contextos diversos, mas interligados, prestando particular atenção às relações mantidas entre letrados brasileiros e europeus.

Além desses propósitos gerais, o projeto tem como objetivos específicos os seguintes:

- esclarecer os múltiplos circuitos percorridos pelos impressos a partir da Europa em direção ao Brasil (e vice versa) e os caminhos percorridos pelos impressos no interior do Brasil;

- medir a velocidade e a intensidade com que obras, pessoas e ideias circulavam entre a Europa e o Brasil (considerando tanto a circulação dos impressos em suas línguas originais quanto as traduções);
- avaliar a sincronia no interesse por determinadas obras em diferentes lugares da Europa e do Brasil;
- conhecer melhor os editores, livreiros e empresários teatrais transnacionais, considerando sua ação em diferentes países;
- examinar a tradução de obras (sobretudo literárias), considerando a publicação de textos brasileiros na Europa e europeus no Brasil;
- conhecer melhor os livros, revistas e peças teatrais europeias presentes nas livrarias, bibliotecas e gabinetes de leitura brasileiros – considerando, no caso dos textos dramáticos, também a questão da encenação;
- estudar a recepção crítica de obras europeias no Brasil e tentar identificar textos críticos produzidos na Europa sobre livros brasileiros (sobretudo literários)
- buscar identificar os leitores das obras em circulação e examinar as diferentes formas de apropriação dos textos.

4. Resultados esperados

Entre 2011 e 2015, os pesquisadores envolvidos no projeto esperam desenvolver as atividades acadêmicas costumeiras, apresentando os frutos de seus trabalhos em artigos científicos, livros e capítulos de livros, orientando dissertações e teses, bem como participando de eventos científicos. Além disso, tomarão parte em atividades promovidas pelo próprio projeto.

Está prevista a realização de quatro colóquios internacionais: em 2011 em Lisboa, em 2012 em Belo Horizonte, em 2013 em Versailles, em 2014 em Campinas e São Paulo. Nesses encontros, os pesquisadores apresentarão os avanços obtidos em suas pesquisas ao longo do ano e discutirão com os colegas, estreitando, progressivamente, os laços entre as diferentes investigações. Finalmente, espera-se apresentar os resultados finais do projeto, durante o 22º Congresso Internacional de Ciência Histórica, que ocorrerá em 2015, na China.

Espera-se também publicar os resultados das pesquisas em um livro coletivo, no qual cada um dos pesquisadores apresentará os resultados de seu trabalho em um capítulo, a ser publicado em edição brasileira, francesa e inglesa. O fechamento desse livro está previsto para 2014, em evento a ser realizado na Unicamp e na USP, por ocasião do colóquio de encerramento do projeto. As etapas preliminares dos trabalhos, assim como parte dos dados de pesquisa, poderão ser disponibilizados em um *site* do projeto a ser hospedado no Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp.

Pretende-se, ainda, realizar ao menos um curso de inverno, a ser oferecidos junto ao Programa de Pós-graduação em Teoria e História Literária da Unicamp, congregando pesquisadores do grupo e seus orientandos em cursos intensivos no mês de julho para apresentação dos resultados obtidos nas várias pesquisas, aprofundamento das discussões e interação entre os estudantes envolvidos no projeto.